

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REALIZADORES CONVIDADOS: REGINA GUIMARÃES & SAGUENAIL
19 de junho de 2024

SESSÃO “PAISAGENS 1”

TRONCO & NU / 2007

de Regina Guimarães

Realização: Regina Guimarães / *Montagem:* Regina Guimarães e Saguenail / *Música:* Renzo Paucarcaja, numa improvisação no seu didgeridoo / *Produção:* Hélastre, Viana do Castelo/Porto / *Cópia:* DCP, cor, sem diálogo / *Duração:* 12 minutos / *Estreia Mundial:* Castelo de Viana do Alentejo, 2007 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

L'ÉTERNEL DÉPART / 2010

de Saguenail

Realização: Saguenail / *Música:* Fernando Lapa, *Estudos sobre a luz*; Sérgio Leite (piano), *Linhas de força*; Francisco Reis (piano), *Incerta claridade*; Maria José Souza Guedes (piano), *Milagre ao amanhecer* / *Som e Mistura:* Rui Coelho / *Texto, Montagem, Imagens:* Saguenail, assistido por Tiago Afonso, Samuel Barbosa, Corbe / *Produção:* Hélastre / *Cópia:* DCP, cor, falado em francês com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 32 minutos / *Estreia Mundial:* Rivoli, 2010 (também foi exibido em Lussas, nos États Généraux du Film Documentaire, em 2012) / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

CADERNO DOS MUROS E DOS RUMOS / 2019

de Regina Guimarães

Realização: Regina Guimarães / *Montagem:* Regina Guimarães e Saguenail / *Misturas:* Rui Coelho / *Música:* Steve Reich, Francisco Lacerda / *Produção:* Hélastre, Açores/Porto / *Cópia:* DCP, cor, com texto em português / *Duração:* 11 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca, em estreia nacional.*

ELO / 2020

de Alexandra Ramires

Realização: Alexandra Ramires / *Argumento:* Alexandra Ramires (Xá), Regina Guimarães / *Montagem:* Alexandra Ramires (Xá), David Doutel, Vasco Sá / *Som:* Jérôme Petit / *Música:* Nicolas Tricot / *Animação:* Dimitri Mihajlovic, Inês Teixeira, Laura Gonçalves, Vítor Hugo Rocha / *Produção:* David Doutel, Rodrigo Areias - Bando à Parte; Laurence Reymond - Providences (Portugal/França) / *Cópia:* DCP, cor, sem diálogos / *Duração:* 11 minutos / *Estreia Mundial:* 10 de setembro de 2020, Toronto International Film Festival / *Estreia na Cinemateca Portuguesa:* 16 de outubro de 2020, “A Cinemateca com o Curtas Vila do Conde”.

UNE PARTIE DE CAMPAGNE / 1936-1946
(Passeio ao Campo)

de Jean Renoir

Argumento e Diálogos: Jean Renoir, segundo uma novela de Guy de Maupassant / *Diretores de Fotografia:* Claude Renoir, Jean Bourgoïn / *Cenários:* Robert Gys / *Música:* Joseph Kosma (canção cantada por Germaine Montero) / *Montagem:* Marguerite Renoir; montagem definitiva: Marinette Cadix, Georges Cravenne, sob a supervisão de Marguerite Houllé (Marguerite Renoir) / *Som:* Jo de Bretagne / *Interpretação:* Sylvia Bataille (Henriette), Georges Saint-Saëns, pseudónimo de Georges Darnoux (Henri), Jacques Borel, pseudónimo de Jacques B. Brunius (Rodolphe), Jeanne Marken (Mme. Dufour), Paul Temps (Anatole), Gabrielle Fontan (a avó), Jean Renoir (Poulain), Margueritte Renoir (a criada), Pierre Lestringuez (o padre) / *Produção:* Pierre Braunberger, para Les Films du Panthéon / *Cópia:* 35mm, preto e branco, legendada em português / *Duração:* 38 minutos / *Estreia Mundial:* Paris (cinema César), 5 de Maio de 1946 / *Estreia Nacional:* Lisboa (cinema Satélite), 5 de Maio de 1972.

A CAÇA / 1963

de Manoel de Oliveira

Realização, Argumento, Sequência, Diálogos, Fotografia (Eastmancolor), Montagem: Manoel de Oliveira (assinado Manuel de Oliveira) / *Música:* Joly Braga Santos / *Som:* Manoel de Oliveira, Fernando Jorge, Manuel Fortes / *Assistente de realização:* Domingos Carneiro / *Colaboração especial:* Paulo Rocha / *Operador de Imagem:* António Lopes Fernandes *Interpretação:* António Rodrigues dos Santos (José), João da Rocha e Almeida (Roberto), Albino Freitas (sapateiro), Manuel de Sá (maneta), etc. / *Produção:* Tobis Portuguesa / *Produção executiva:* Manoel de Oliveira / *Cópia:* 35 mm, cor, falado em português / *Duração:* 21 minutos / *Estreia Mundial:* 20 de Janeiro de 1964, I Festival Internacional de Arte Cinematográfica, cinema S. Luiz (Lisboa) / *Primeira Apresentação Mundial da versão remontada:* Mostra de Cinema Português no Festival de Pesaro, 1988 / *Primeira Apresentação em Portugal da versão remontada:* Cinemateca Portuguesa (Ciclo Oliveira, o Culto e o Oculto), 13 de Outubro de 1993.

Duração aproximada da projeção: 123 minutos.

Sessão com apresentação e seguida de debate com os realizadores, Regina Guimarães e Saguenail.

As folhas de **Une partie de campagne** e **A Caça** serão distribuídas em separado.

A paisagem é recorte e distância? No caso de Regina Guimarães e Saguenail, ela é sinónimo de escrita, inscrita e proximidade. Nos seus filmes, a paisagem deixa-se percorrer ao sabor de ideias e sensações, sempre suscitadas por um trabalho quase

artesanal, eminentemente táctil, sobre a imagem. A imagem como coisa maleável que se escreve – e inscreve – de maneira não linear, ao jeito de um certo “cinema de poesia” tal como postulado por Maya Deren, quer dizer, numa coreografia de gestos, partindo e navegando sobre conceitos ou jogos de linguagem que têm tanto de lúdico e infantil quanto de adulto e funesto. São também *cadernos* – a palavra é verdadeiramente operante no cinema de Regina – onde se apontam impressões e se instancia uma certa forma de aproximação ao mundo. **Tronco & Nu** e **Caderno dos Muros e dos Rumos** aproximam, etimologicamente, a palavra “cogitar” à palavra “coleccionar”: Regina navega sobre os elementos da Natureza e como que os respiga em gestos sôfregos, aliando pensamento (simbólico) e ação (direta e física). É esta a sua “escrita em vídeo”: “É em vídeo que faço os meus cadernos”, confidenciou a própria numa entrevista concedida ao *website À pala de Walsh*, «Regina Guimarães e Saguenail: indubitavelmente, materialistas e manuais» (17 de junho de 2024), completando: “Não sei se estás à espera que faça algum comentário sobre a oposição entre vídeo e película... Claro que a luz é diferente num suporte ou noutro. Mas também já quase ninguém pinta em óleo e já ninguém faz frescos e caso a pintura venha a morrer não será por isso.”

As oliveiras da paisagem alentejana no primeiro filme – devia mesmo escrever “no primeiro caderno” – e a água e as pedras de São Miguel, no segundo, são alguns dos principais elementos com que Regina “pinta” a sua paisagem. Se não é já da ordem da animação – lá iremos, a propósito de **Elo** –, é seguramente da ordem do animismo e do simbólico. Ao início, os olhos de Saguenail e de Regina misturam-se com os troncos das árvores, mais concretamente, com a sua pele gretada, repleta de texturas. Como disse Regina, na citada entrevista, “[a] pele é o que está fora, mas é muito mais íntima do que qualquer forma de nudez”. Por um processo de osmose, somos transferidos para aí, como quem acede a um olhar “outro” ou, para citar a fórmula de Eisenstein, como quem passa, qual *Alice no País das Maravilhas*, para o “lado não-indiferente da Natureza”. São filmes sedentos desse olhar táctil que se orchestra na montagem, qual sinfonia campestre, embalado por um movimento, simbólico e animista, que engendra não uma forma de transcendência mas de imanência. A montagem liga sinfonicamente, no compasso do didgeridoo de Renzo Paucarcaja, as profundezas da terra ao jogo das nuvens para o qual a câmara de Regina é puxada tanto aqui como no seu “caderno videográfico” dedicado aos muros naturais e artificiais (desenhados pela Natureza e pelo Homem) da Ilha de São Miguel.

Mas, como dizia Béla Balász, tudo o que está dentro, está fora, e vice-versa. Nos “apontamentos” de Regina, nada é estanque, inerte ou “morto”. No universo mineral e vegetal que o seu cinema (o seu cine-olhar) visita e reconstrói, tudo se anima e, claro, o movimento da sua câmara também participa ativamente da imobilidade sugerida pela presença insistente de pedras, das árvores e das nuvens nos seus filmes. Por exemplo, *travellings* sucessivos sobre pedras ou flores produzem a ilusão de uma “muralha” quase inerte de imagens – notável efeito desta vídeo-escrita. E, de facto, sabemos bem como a imobilidade é a mais intoxicante e essencial das anti ilusões cinematográficas. A câmara de Regina parece seduzida, por um lado, pela possibilidade de encantar de movimento o que é visto pelos nossos olhos míopes e distraídos como sempre-inerte e, por outro, pela possibilidade de eivar de imobilidade (uma estaticidade mineral alucinada) o que é da ordem do movimento, por exemplo, a própria viagem que origina e pontua o filme (viagem pregnant, mas “absolutamente vertical”, da câmara e da realizadora-*filmeuse* que a opera).

Há um movimento geral de “devir” muito evidente na escrita videográfica presente nestes cadernos. Mas algo muda no filme assinado a solo por Saguenail: ouvimos uma voz a dizer um texto em francês. Ela pertence a este cineasta, nascido em França e radicado em Portugal há mais de quarenta anos. O assunto principal desse texto dito em *over* é, de maneira muito franca, a morte. As árvores plantadas na “necrópole” portuense que é o principal *décor* deste filme – “A janela do cineasta dá para o cemitério”, lê-se na sinopse – apresentam-se impassíveis face à passagem do tempo: o seu emaranhado de ramos tocando os céus parece falar a linguagem das nuvens e imiscuir-se na neblina, tão imperturbável quanto o tempo é passageiro e – como dita a lei da vida – quanto imparável é o crescimento da dita “necrópole”. O tema dos cadernos de Regina é a vida, ao passo que Saguenail, em **L'éternel départ**, convoca os fantasmas do cemitério perante a constância da Natureza (das árvores e das nuvens, e da neblina), num filme que se vai tornando progressivamente pictural, lembrando a fotografia de Stieglitz, mas culminando na pintura de Turner e Van Gogh. Entre a fotografia e a pintura, está, de facto, “o desenho”, tal como entre a prosa e a poesia, podemos situar o apontamento aforístico. O “diário dos mortos” de Saguenail compõe-se de imagens como desenhos, plenos de movimento, em que o próprio realizador, na voz e no rosto, em sobreimpressões vagamente impressionistas que me fazem pensar em Epstein, se torna pura imanência, parte do movimento geral do mundo, onde há muito mais ligação do que separação com esse “outro” mundo: o dos fantasmas. Adverte Saguenail que só se filmam fantasmas – é uma fatalidade em relação à qual não vacila minimamente. Disse na referida entrevista, debaixo do tema “morte”, algo de significativo a este propósito: “A mortalidade não é uma coisa de fugir. Ainda bem. Agora, já a tentei antecipar, porque não vejo o porquê de deixar à natureza essa iniciativa.” Tudo isto é parte da potência máxima adstrita ao ato criador: aceitar a morte e aprender a falar o idioma dos fantasmas como, também, aliás, saber interpretar a linguagem da Natureza; trata-se, enfim, de saber comunicar com as forças subterrâneas que se imiscuem na realidade de todos os dias com que nos estampamos.

A jovem protagonista de **Une partie de campagne**, o sensualíssimo filme-ruína de Renoir, diz sentir uma ternura imensa pela Natureza. E, no título que se segue a esta sessão, o truculento **A Caça**, os dois jovens notam como o mundo dos animais é violento e, contudo, é um desentendimento entre homens que vai gerar a tragédia final (falo do funesto desenlace da versão pré-censura da montagem de Manoel de Oliveira, ainda assinando aqui “Manuel de Oliveira”). **Elo** é uma obra de animação, com argumento de Regina Guimarães e concebido pelo traço indistinguível de Alexandra Ramires, brilhante e premiadíssima cineasta da animação e, em particular, da docu-animação. O título do filme não engana: **Elo** vem ligar todas as pontas desta sessão, revelando corpos, algures entre o humano e o animal, intimamente fundidos com a Natureza. Depois, eles vão encontrar-se, de maneira comovente, num gesto de ternura e pudor, alcançando a plena completude numa das mais nuas manifestações de incompletude. Torneando o sabor acre da cruel “alegoria” de Oliveira, dir-se-ia que um vai *dar a mão* a quem não a tem, ou melhor, *vai ser a mão que o outro não tem* e, desta forma, na conjugação das duas personagens, produzir-se-á uma mão mais inteira. Regina e Saguenail, a vida e a morte, a natureza e o olhar humano como corpos entrelaçados e, finalmente, inteiros.